

Futebol. Poder. Crise.

O futebol do sul da Europa joga contra a crise econômica

POR MARTIN LING*

O dia 15 de setembro de 2008 tornou-se um marco: nessa data, o banco de investimento norte-americano Lehman Brothers declarou-se insolvente em virtude da crise financeira causada por especulações imobiliárias. Devido à integração mundial dos bancos, a crise rapidamente se espalhou pela Europa, deixou as casas bancárias em uma situação difícil e obrigou os Estados a nacionalizarem as dívidas dos bancos para impedir a implosão do sistema financeiro, em certo sentido um desastre do capital bancário por uma ruptura das cadeias de crédito. A nacionalização das dívidas bancárias foi acompanhada por um aumento do endividamento estatal. A crise da dívida pública se deu em consequência da crise bancária, que não pode ser confundida de forma alguma com a Crise do Euro, pois a moeda em si manteve estável sua relação global com o dólar norte-americano e o iene, e a inflação da Zona do Euro esteve oscilando em limites moderados.

Essa crise da dívida pública desencadeada pela crise bancária ainda não terminou, embora o esfacelamento da Zona do Euro não seja, atualmente, considerado um cenário provável. Porém, até 26 de julho de 2012, as coisas eram bem diferentes: o discurso de Mario Draghi, presidente do Banco Central Europeu (BCE), provocou uma mudança de humor na *Global Investment Conference* (Conferência de Investimento Global), em Londres: "O BCE fará tudo o que for necessário para manter o Euro", declarou Draghi e acrescentou: "E, acreditem, será o suficiente". Até aquele momento, o italiano provou estar certo. A situação dos principais países afetados pela crise da dívida pública no mercado de capitais internacional melhorou gradualmente. No final de 2010, a Irlanda foi o primeiro país da Zona do Euro a entrar no recém-criado programa de resgate EFSF (Fundo Europeu de Estabilização Financeira) e assumiu créditos estrangeiros no valor de 67,5 bilhões de euros.



No entanto, em 15 de dezembro de 2013, passados três anos, a Irlanda foi o primeiro país a conseguir sair da Troika – o programa de ajuste econômico e financeiro da Comissão Europeia, do BCE e do Fundo Monetário Internacional (FMI) – e voltar aos mercados financeiros internacionais. A volta da Irlanda é fato que traz alívio, mas não tranquilidade. Mesmo nesse país, um a cada oito devedores hipotecários – cerca de 100 mil proprietários de imóveis – sofre ameaça de insolvência, pois tem parcelas atrasadas há mais de três meses. No entanto, a situação das pessoas físicas desempenha, no melhor dos casos, um papel bastante secundário quando se trata da crise da dívida pública.

Mas o caso da Irlanda deve ser comparado com o dos países em crise do sul da Europa – Portugal, Itália, Grécia e Espanha – apenas em certa medida, pois a ilha com 4,5 milhões de habitantes é peculiar e pequena demais, com forte concentração de prestação de serviços e seu setor de alta tecnologia dominado por empresas dos EUA, como a presença das gigantes Microsoft, Google e até o Twitter.

Os países em crise no sul da Europa, que receberam o odioso acrônimo em inglês PIGS (“Porcos”), preocupam analistas desde sempre no que se refere às turbulências de mercado e nível de endividamento, ao passo que o declínio e as turbulências sociais não importam para eles.

A presente análise tratará dos efeitos da crise em três países do sul da Europa sobre um bem cultural altamente estimado (não apenas) por eles: o futebol. Seja na Grécia, na Itália ou na Espanha, o entusiasmo pelo futebol é gigantesco, mesmo que não se expresse necessariamente nos números de expectadores. Falta de dinheiro, violência e corrupção são os motivos que têm levado os torcedores de futebol mais do que nunca a refletir se podem e querem pagar o preço dos ingressos. Portugal ficará de fora, pois ultrapassa o escopo desta análise. A seguir, será exposto um breve panorama sobre o desenvolvimento econômico dos três países nos últimos anos, seguido de uma rápida avaliação de sua situação no âmbito do futebol profissional.

GRÉCIA

A economia da Grécia – crise sem fim

A Grécia é a criança-problema número um da Zona do Euro. O produto interno bruto, em comparação com 2009, encolheu mais de um quarto. O programa da Troika que pretendia que a Grécia – com os custos unitários de mão de obra (o quociente entre o salário e a produtividade) em queda – ganhasse em competitividade internacional e, então, saísse o lamaçal de dívidas com as próprias pernas não funcionou. Os custos unitários de mão de obra realmente caíram em mais de 10%, mas para a competitividade há muito já não basta. Além disso, depois da introdução do euro até 2009, a Grécia aumentou em 29%, perante os parceiros comerciais mais importantes, os custos unitários de mão de obra.

Em 25 de janeiro deste ano, as coisas mudaram de rumo. Syriza conseguiu uma vitória acachapante nas eleições, mas, apesar do bônus de 50 vagas, perdeu praticamente

a maioria absoluta para o partido mais forte. Por isso, para formação do governo, ele entrou em uma aliança bastante controversa com o Anel, o Partido da Grécia Independente. Anel, sabidamente um partido de direita, também é contra a política de austeridade imposta pela Troika, porém os pontos em comum param por aí.

O Syriza defende a ideia de que a Grécia não conseguirá se reerguer sem um novo corte nas dívidas. Por mais que essa posição possa ser impopular na Troika e entre os credores, do ponto de vista econômico ela seria muito bem-vinda. Já em 2012, a Grécia recebeu um corte das dívidas. Credores privados, como os bancos, precisaram abrir mão de 107 bilhões de euros. No entanto, o efeito exonerador já se esgotou. Hoje, Atenas tem uma dívida de aproximadamente 322 bilhões de euros, o que corresponde a mais de 175% do PIB grego.

A relação dívida/PIB é ainda maior que antes da deflagração da crise. Em 2009, estava em 127%, em 2010 em 146%. Na época, a Grécia não recebeu mais nenhum crédito no mercado de capitais internacional a juros sustentáveis, então a Troika interveio, mas estrangulou a economia com suas exigências de cortes no orçamento, de tal forma que, apesar do corte da dívida de 2012, a relação dívida/PIB nos anos seguintes, pelo PIB em queda, subiu a números nunca antes alcançados.

Um novo corte de dívidas para a Grécia está muito longe de acontecer, mesmo sob o governo do Tsipras. Em seu primeiro governo, Tsipras negociou por meses sob a égide do ministro das finanças, Yanis Varoufakis, para realizar uma mudança de rumo político-econômica – sem sucesso e sob pressão gigantesca. Já na convocação de novas eleições, no final de dezembro de 2014, a fuga de capitais havia se instalado, e ao mesmo tempo cresceram o saldo-alvo negativo do Banco Central grego dentro do sistema de compensação do Banco Central da Zona do Euro e os depósitos perdidos dos bancos gregos. Desde 5 de fevereiro de 2015, o BCE não aceita mais títulos públicos gregos como garantia.

Os bancos só recebem dinheiro novo através da linha de crédito para liquidez emergencial, (ELA). A estrutura da ELA foi elevada em rápida sequência para mais de 80 bilhões de euros. O governo grego não se rendeu. Em vez disso, o premier Tsipras convocou, em 27 de junho de 2015, um referendo sobre a política de reforma exigida pelos credores, o que foi surpreendente. Os ministros das finanças da UE recusaram, assim, uma prorrogação do programa de ajuda e proibiram o pagamento dos 18 bilhões de euros já prometidos. O BCE também apertou o cerco: o Conselho do BCE congelou os créditos emergenciais da ELA em 89 bilhões de euros e causou problemas de liquidez aos bancos gregos, que obrigaram o governo de Tsipras a introduzir controles de movimentação de capital.

No final de junho, expirou o pacote de ajuda para a Grécia sem que ela tivesse pago dentro do prazo sua parcela para o FMI. O ministro das finanças Varoufakis confirmou que 1,54 bilhão de euros devidos não seriam pagos e queixou-se dos investidores: “O que fazem com a Grécia tem um nome: terrorismo”. No referendo de 5 de julho sobre as diretrizes de cortes de custos dos credores, o governo de Tsipras conseguiu um êxito arrebatador: cerca de 61% dos gregos votaram “não”, são contra as prescrições de cortes. Munido com esse resultado, Tsipras voltou à mesa de negociação fortalecido.



Para chegar a um acordo com a Troika, Varoufakis dá lugar para Euklid Tsakalotos, ex-coordenador das tratativas com os credores, que tem pensamentos semelhantes aos de Varoufakis, mas age de forma mais conciliadora. No entanto, Tsakalotos também não conseguiu que a Troika fizesse concessões dignas de nota, mas precisou engolir seco e prometeu, entre outros, o aumento da idade de aposentadoria para 67 anos e a privatização de empresas públicas. Esse recuo nas promessas de campanha levou à cisão da ala esquerdista de Syriza e à convocação por Tsipras de novas eleições. Em 20 de setembro, Tsipras conseguiu, com uma participação historicamente alta nas eleições (56,6%), um novo e claro mandato de quatro anos, embora novamente dependa do Anel como maior apoiador.

No *front* da negociação, a Grécia conseguiu embolsar mais uma vitória em 17 de novembro. Depois de tratativas intensas durante vários dias com os supervisores dos credores, chegaram a um pacote de reformas, o que abre caminho para uma parcela de ajuda de dois bilhões de euros para suas finanças esboroadas, bem como 10 bilhões de euros para o saneamento de seus bancos, conforme informou o ministro das finanças Euklid Tsakalotos. “Entramos em um acordo sobre o que era necessário”, disse Tsakalotos em Atenas, após uma reunião com representantes dos credores europeus e do Fundo Monetário Internacional.

Como todas as negociações anteriores, o governo Tsipras não se furtou às promessas, mas pôde ao menos empregar as cláusulas de proteção. Assim, Atenas ficou relutante em atenuar a proteção para os inadimplentes das hipotecas. Segundo informações de Atenas, está prevista uma solução de acordo que pouparia um leilão compulsório a cerca de 60% dos 400 mil devedores hipotecários que correm o risco de perder os créditos imobiliários. A exceção deve proteger as famílias ameaçadas pela pobreza, bem como um outro grupo de devedores hipotecários. Este último não precisa temer os leilões compulsórios por mais três anos, na medida em que, nesse meio tempo, acordem com seu banco um plano de refinanciamento.

Os dois governos Tsipras não puderam mudar o fardo da Grécia: o país, mais cedo ou mais tarde, não terá mais nenhuma chance de recuperação econômica duradoura. Inclusive, apesar dos primeiros cortes de 2012 e depois de anos de austeridades orçamentárias extremas, a posição das dívidas só fez crescer. Ademais, esse corte da dívida não é nada mais que condição *sine qua non*: outras medidas, como investimentos em áreas econômicas promissoras e uma boa administração fiscal, ainda serão necessárias se o país dos deuses quiser ter um futuro. O governo em Atenas deve dar sua contribuição, mas sem uma mudança de curso da Troika, de nada adiantará tudo isso.

Futebol na Grécia – queda do Olimpo

Foi uma das maiores sensações da história do futebol nos torneios europeu e mundial: em 2004, a Grécia foi a verdadeira zebra ao vencer o Campeonato Europeu em Portugal. O treinador alemão Otto Rehhagel foi festejado como “Rércules”, e o país inteiro se viu inebriado pela vitória. Ninguém contava com esse triunfo, ainda mais que o futebol grego, famoso pela tática de retranca com líbero, tinha tudo, menos condições de vencer o campeonato. Porém, mesmo os tchecos, fortes no jogo e na ofensiva, não conseguiram vencer a defesa helenística, e nem mesmo os anfitriões, com jovens e antigas estrelas como Cristiano Ronaldo e Luís Figo, na final em Lisboa. Cerca de 500 mil pessoas com bandeiras e camisas azuis

e brancas festejaram em Atenas, dentro e diante do antigo Estádio Olímpico de 1896, segundo dados da polícia. Tiveram o privilégio de uma recepção no famoso complexo esportivo, destinado apenas a atletas olímpicos vencedores.

E o tempo passa. Em 2014, o futebol grego enfrenta uma crise profunda, mesmo que a seleção grega, na Copa de 2014 no Brasil, tenha chegado às oitavas de final em sua terceira participação e sido derrotada apenas nos pênaltis pela Costa Rica. Muito pior está na classificação do Campeonato Europeu: quatro derrotas – em casa e fora de casa contra um anão futebolístico como as ilhas Faroé – e dois empates atrapalharam muito as perspectivas de uma

classificação para o Campeonato Europeu de 2016, na França. De qualquer forma, a seleção grega não se saiu muito bem para aliviar a precária situação social do país.

Sem dúvida, ainda mais lamentável é a situação da liga de futebol grega. Já por duas vezes na temporada 2015/15, dias de jogos inteiros da primeira liga foram cancelados. No final de setembro, o governo em Atenas cancelou todos os jogos em esportes de equipe – fosse futebol, handebol ou basquete –, após um torcedor de 46 anos ter sido vítima da violência das torcidas. No final de novembro, a Confederação Grega de Futebol (EPO) anunciou, sem aviso prévio, que nenhum jogo do campeonato aconteceria, fosse em âmbito profissional ou amador. A decisão de não determinar nenhum juiz para os próximos jogos foi tomada em uma reunião especial da confederação, depois de o ex-juiz grego da Fifa, Christoforos Zografos, e o vice-presidente em exercício da comissão central dos juizes da Grécia terem sido brutalmente espancados. Esse precedente marcou o ápice da atual crise do futebol grego. Obviamente que não vai levar mais que algumas semanas para que os jogos sejam retomados, mas apenas até o próximo escândalo, já que ninguém vai servir de coveiro do futebol. Em fevereiro, o novo governo de esquerda logo de início cancelou os jogos da liga grega devido a repetidos atos de violência praticados por torcedores, mas acabou reautorizando no começo de março, na liga, mas então sem torcedores. No entanto, apenas poucos dias depois, houve novos excessos no jogo de volta das quartas de final do campeonato nacional, entre AEK de Atenas e o Olympiakos de Pireu. Devido à invasão do campo pelos torcedores locais, o jogo precisou ser interrompido pouco antes do término.

A segunda divisão da liga grega teve início com atraso de duas semanas na temporada de 2014/15, depois de a sua patrocinadora, a operadora de loteria esportiva semiestatal grega Opap, uma das empresas mais lucrativas no país em crise, reduzir seus números em 30%, segundo os relatórios da imprensa. Uma reunião de cúpula sobre a crise que contou com o ex-primeiro-ministro Antonis Samaras, outros líderes de partido, representante da confederação de futebol e representante da Superliga, como é chamada a primeira divisão grega, apresentou uma solução financeira provisória, por meio da qual a realização dos jogos para essa temporada pôde ser novamente garantida.

O adiamento do início dos jogos da segunda divisão é apenas um sintoma desse problema que se agrava há anos. Há muito a crise financeira chegou ao futebol: orçamentos em queda e



pagamentos de salários atrasados, dívidas elevadas e falta de espectadores. Além disso, também há escândalos nas loterias e grande violência.

A figura mais proeminente durante crise é o tradicional clube AEK de Atenas (veja quadro). O antes muito renomado clube grego caiu para a terceira divisão. O AEK de Atenas não está sozinho com seus problemas. Mesmo o principal clube e campeão da primeira divisão, o Olympiakos de Pireu tem cerca de 200 milhões de euros em dívidas com bancos. Até agora, seu presidente, Evangelos Marinakis, que também acumula o cargo de chefe da confederação, conseguiu evitar um processo de insolvência como o do AEK de Atenas. Além disso, Marinakis também conta com uma reputação duvidosa. O ministério público grego o acusa de formação de quadrilha, propina, coação e tentativa de homicídio.

Com base no relatório da UEFA sobre corrupção e manipulação dos jogos na Superliga, as autoridades gregas investigam, desde junho de 2011, Marinakis e outros 68 acusados. O ministério público desconfia que ele utiliza uma rede mafiosa de policiais, juízes, políticos e outros oficiais do governo para garantir o domínio do Olympiakos à frente do futebol grego. O certo é que o Olympiakos de Pireu também representa a Grécia na Liga dos Campeões, na qual apenas a participação traz importantes garantias de rendimento. A crise se mostra – para os padrões gregos – no número de espectadores, que sofre uma clara retração: se, em 2011, 25.500 torcedores desejavam assistir aos jogos da Liga, em 2013/14 eram apenas 17.900 espectadores, uma retração de 30%. Além do Olympiakos de Pireu, nenhum outro clube consegue ultrapassar a marca de 10.000 em popularidade de torcedores. Nem mesmo o arquirrival Panathinaikos de Atenas, que com o PAOK Saloniki e o recém-chegado Asteris Tripolis representam a Grécia nesta temporada da Liga Europeia. Além disso, todos os clubes carregam uma alta montanha de dívidas.

Uma olhada nos investimentos de transferência da liga grega em comparação aos internacionais mostra claramente os problemas financeiros dos 16 times da Superliga. Segundo o portal de internet “transfermarkt.de”, em 2014/2015, apenas

um clube da primeira divisão teve investimento líquido em novos jogadores: o PAOK Saloniki, com 570 mil euros. Time da segunda divisão com grandes ambições, o clube tradicional AEK de Atenas teve investimentos líquidos em 1,5 milhão de euros e fica em primeiro lugar nesse quesito em toda a Grécia. O rico Olympiakos de Pireu gastou quase 24 milhões de euros, mas recebeu mais de 26 milhões de euros em vendas de jogadores. Em 2008/09, a Superliga ainda investiu 58,9 milhões de euros. O fato de os clubes gregos agirem de forma tão cautelosa no mercado da bola se deve menos à pressão por uma mentalidade fundamentalmente transformada do que à falta de capacidade creditícia. Como acontece com as empresas normais, eles sofrem bloqueios no mercado de crédito, pois os bancos gregos mal conseguem assumir riscos de concessão de empréstimos, pois seus balanços já estão complicados.

Em comparação, na atual temporada, os clubes da *Premier League* inglesa investiram, até o final de agosto de 2014, 808 milhões de euros brutos – um novo recorde mundial –, e os clubes *Bundesliga* tiveram investimento bruto de 227 milhões de euros em novos contratos.

Quando um clube passa por dificuldades financeiras, em geral, os primeiros a sofrerem são os jogadores. Salários atrasados não são uma novidade nos esportes gregos. No entanto, com a crise da dívida pública, essa problemática acentuou-se. Segundo a associação internacional de jogadores FIFPro, dois terços dos atletas na Grécia recebem seus salários com atrasados, e muitos precisam esperar até seis meses. Por isso, alguns jogadores parecem ter descoberto as apostas esportivas como uma fonte de renda lucrativa e o futebol grego também foi sacudido por um escândalo no mercado das apostas.

Antes da temporada 2011/2012, os chefes da confederação decidiram rebaixar dois clubes, o Olympiakos Volos e o AO Kavala, para a quarta divisão, após serem provadas inúmeras manipulações de apostas e resultados. Segundo o ministério público ateniense, nada menos que 60 jogos da Superliga devem ter sido suspensos entre 2009 e 2011 – com o apoio de jogadores, cartolas e juízes.

As acusações levantadas contra os presidentes do Volos e do Kavala foram as seguintes: formação de quadrilha, propina, manipulação, aposta ilegal e lavagem de dinheiro. O fato de Achilleas Beos, presidente do Volos, e Makis Psomiadis, chefe do Kavala, serem também donos de boates completa as suspeitas de haver uma máfia por trás dessas acusações.

“Nosso futebol está morrendo”, reclamou à época o presidente da Confederação Grega de Futebol, Sofiklis Pilavios. Em junho de 2011, os escândalos, a falências, a corrupção e a violência nas torcidas fizeram com que Pilavios interrompesse por duas semanas os jogos da primeira divisão. Queria que essa interrupção fosse entendida como último e drástico alerta aos clubes de futebol organizados em sua Confederação. Para os clubes, o alerta entrou por um ouvido e saiu pelo outro, o que mostram as investigações

contínuas contra Marinakis e companhia e as inúmeras interrupções dos negócios futebolísticos em 2014/2015.

Além das influências econômicas e políticas, o futebol na Grécia também é marcado por um aumento da violência nos estádios. Há muito tempo, as estruturas dos hooligans estão presentes no futebol grego. Torcidas organizadas como Original (AEK de Atenas), Thyra 13 (Panathinaikos de Atenas), Gate 4 (PAOK Saloniki) ou Porto Leone (Olympiakos de Pireu), com seu comportamento violento, fazem com que cada vez mais torcedores gregos evitem os estádios. O Panathinaikos é especialmente conhecido por sua torcida tradicional de direita, entrecruzada com o partido radical de direita Aurora Dourada, que se estabeleceu no Parlamento de 2012 e conseguiu 17 vagas nas eleições parlamentares de 2015.

AEK DE ATENAS: UMA MONTANHA RUSSA

No verão de 2012, a confederação grega retirou a licença para o início da Liga Europeia do enecampeão nacional AEK de Atenas devido a problemas financeiros. Com isso, a crise da dívida pública grega fez sua primeira vítima no futebol nacional. “Temos uma dívida de 35 milhões de euros, 23 milhões de euros delas pertencem ao Estado”, admitiu o ex-presidente do clube, Andreas Dimitrelos. Foi um dia sombrio na história do AEK, mas não seria o último do clube, que conta com 1,5 milhão de torcedores em toda a Grécia.

No final de temporada 2012/13, aconteceu pela primeira vez o rebaixamento para a segunda divisão. Em vez de continuar lá, uma decisão radical foi tomada: a insolvência imediata e a ida dolorosa para a terceira divisão. Apenas assim o AEK, segundo a decisão, poderia pagar em curto prazo quase a

metade de suas dívidas de cerca de 40 milhões de euros. Então, o AEK iniciaria o seu “renascimento” esportivo. O novo homem forte à frente do clube é Dimitris Melissanidis, conhecido como Tigre. O *selfmade man* era professor de direção e se tornou um biliardário, sendo hoje um dos líderes globais de fornecimento de combustíveis e petróleo para navios comerciais e cruzeiros, operando uma rede de 500 postos de gasolina na Grécia e também atuando no setor de construção civil. Como *player* global, pode lidar com a crise grega e, após a subida direta para a segunda divisão, grandes objetivos já são formulados de boca cheia: para o boletim do AEK *Ora gia Sport* ele declarou: “O AEK de Atenas voltará a ser campeão grego na temporada 2015/16!” E o clube já está concretizando os planos: o AEK conseguiu subir para a primeira divisão este ano.

ITÁLIA

A economia da Itália – Renzi, no rastro de Schröder

Atrás de Alemanha e França, a Itália é a terceira maior economia nacional da Zona do Euro. Por isso, a crise duradoura no país já causa preocupação, pois, em meados de novembro de 2014, a agência estatística Istat informou que a economia italiana sofreria uma retração de 0,1% com relação ao trimestre anterior. No entanto, já estava em vista uma leve melhora: no primeiro trimestre de 2015, a Itália conseguiu um pequeno aumento, mas ainda não é possível dizer que seja um ponto de virada. O exemplo do primeiro-ministro em exercício, Matteo Renzi, é a Agenda 2010, do ex-chanceler Gerhard Schröder: com a liberalização do mercado de trabalho, as forças de crescimento devem ser postas em ação.

É óbvio que, desde a saída de Silvio Berlusconi em 2011, mesmo com a proclamação de primeiros-ministros na Itália, de Mario Monti, passando por Enrico Letta até Matteo Renzi, a economia do país não conseguiu entrar muito nos eixos. Contava-se com uma recuperação no início de 2014, mas o contrário aconteceu. O país entrou na terceira recessão desde 2008. Além disso, a Itália é caracterizada por leves tendências deflacionárias. Com preços em queda, os compradores restringem as aquisições de médio e longo prazo, inclusive os investimentos, pois esperam preços ainda menores. A retração nas compras, por sua vez, reduz as oportunidades de vendas das empresas e, assim, a prontidão para investimentos cai: a espiral de queda é perfeita. Até agora essa situação ainda não foi alcançada, mas os sinais são alarmantes. O consumo interno desenvolve-se a duras penas. Segundo uma pesquisa publicada em 16 de outubro de 2014 pela empresa de consultoria Deloitte, 87% das famílias italianas têm uma visão cética do futuro; 51% dos entrevistados acreditam que a crise ainda durará no mínimo cinco anos. Além disso, a retração dos investimentos das empresas italianas está piorando.

Nos últimos anos, o país ao sul da Europa perdeu em capacidade competitiva. Em um *ranking* do Fórum Econômico Mundial, a Itália ficou em 49º lugar, muito atrás de Espanha e Portugal. Antes da introdução

do euro, a Itália combatia a perda na capacidade de concorrência com a desvalorização da lira, mas esse meio não está mais disponível. Com o desenvolvimento dos custos unitários de mão de obra, da relação com a produtividade a partir do salário, a Itália vem ficando para trás, pois os aumentos de salário italianos relativamente altos em comparação a outros Estados da Zona do Euro não são acompanhados com aumentos em produtividade desproporcionais correspondentes.

A abordagem social e significativa ocorrida a partir de uma perspectiva da demanda interna que permite os salários subirem com a inflação – para evitar a perda do poder de compra – tornou-se uma desvantagem competitiva para a Itália, já que os outros países da Zona do Euro, como a Alemanha, fortaleceram sua capacidade de exportação com, entre outros, perda salarial real.

Desde fevereiro de 2014, o jovem Matteo Renzi, do Partido Democrático (PD), ocupa o cargo de primeiro-ministro. Alguns italianos e italianas depositaram nele a esperança de que conseguiria colocar o país nos trilhos e, entre outros problemas, controlar o desemprego de jovens, que em novembro de 2014 subiu para o número recorde até o momento de 43,9%. O desemprego geral também continua a subir, estando atualmente em 13,4%.

Isso também tem a ver com o mercado de trabalho, no qual os funcionários contratados desfrutam de elevados valores de fundo de garantia, o que leva as empresas a preferir trabalhos temporários e por contrato. Se um funcionário fixo for demitido, ele pode entrar com um processo contra a empresa. Em geral, ele vence o processo e precisa ser recontratado ou ser ressarcido regamente. O que é adequado aos funcionários contratados acaba dificultando o início dos que estão entrando no mercado de trabalho, principalmente os jovens, que sofrem muito com esse sistema. Grandes obstáculos nas demissões impedem que as empresas abram novos postos de trabalho. Assim, quase um em cada dois italianos com menos de 24 anos não encontra trabalho.

Matteo Renzi quer romper com esse “apartheid” no mercado de trabalho. Ele anunciou a introdução de uma lei unificada para novos empregados em um “programa de 1.000 dias”. Renzi já deu um passo essencial nesse sentido quando o senado em Roma, em 3 de dezembro de 2014, em um voto de confiança, aprovou com 166 contra 122 votos a *Jobs Act*, como é conhecida a reforma fundamental no mercado de trabalho. Os predecessores de Renzi já tinham em vista realizar essa reforma, mas não conseguiram por conta de resistências políticas e sociais, sobretudo dos sindicatos. Mesmo que câmara dos deputados já tivesse aprovado anteriormente. Com a controversa *Jobs Act*, o direito trabalhista será simplificado e a proteção contra demissão relaxada. Assim, Renzi espera oferecer às empresas um incentivo mais forte para as contratações fixas. “Traremos à Itália um mercado de trabalho moderno e funcional”, elogiou o primeiro-ministro a sua coalizão de governo após a decisão. A reforma será implementada nos próximos anos. “A Itália vai realmente mudar.”

Porém, acordado ainda não está. Os sindicatos já anunciaram sua resistência, e a lei apenas oferece uma estrutura que precisa ser preenchida por provisões concretas. De qualquer forma, a *Jobs Act* prevê que as empresas contratem novas forças de trabalho por tempo indeterminado. Com isso, a proteção da demissão

deve aumentar com a duração da relação trabalhista. Fundamentalmente, os trabalhadores que forem demitidos por motivos econômicos não poderão mais exigir a recontração como antes, se os tribunais tiverem declarado a demissão ilícita, mas poderão receber uma compensação. Uma exigência de recontração existirá apenas em casos excepcionais, por exemplo, empregados e empregadas que foram demitidos em virtude de gênero, religião ou posicionamento político.

Muitos membros de sindicato e políticos de esquerda não veem nada de positivo na reforma, pois temem uma maior precarização do ambiente trabalhista e aventam a possibilidade de que as pessoas, no futuro, poderão ser demitidas com grande facilidade.

Vista de forma geral, a decisão de empresas de realizar contratações depende pouco das condições trabalhistas. O critério principal para investimentos é conhecido como eficiência marginal de capital, os resultados esperados com descontos no momento da decisão de investimento – um montante cercado de incerteza que descreve as receitas líquidas esperadas. As esperanças obscuras sobre um futuro próximo disseminadas na Itália após anos de recessão provavelmente pesam muito mais para as empresas do que a reforma trabalhista. A Itália ainda não deixou para trás os tempos difíceis.

Futebol na Itália – a era de ouro terminou

Do final dos anos 1980 até o final dos anos 1990, era a liga mais forte do mundo: a Série A da Itália. Fosse o trio campeão holandês Rijkaard, Gullit e Van Basten no AC Milan ou estrelas latino-americanas como Maradona (Argentina) e Careca (Brasil) no SSC Nápoles: quem queria crescer, ia para a Itália, pois lá também eram pagos os mais altos salários. Isso também valia para grandes estrelas alemãs: nenhum campeão mundial alemão teve tanto o estilo italiano como a equipe de 1990, com os três legionários do Inter de Milão, Brehme, Matthäus e Klinsmann, Berthold e Völler no Roma, bem como Hässler no Torino.

Durante dez anos – de 1989 a 1998 –, a Série A italiana levou ao menos um time para a final do campeonato europeu – com exceção de 1991, quando o Estrela Vermelha de Belgrado levou o título europeu contra o Olympique de Marselha para a história do futebol iugoslavo.

Ao contrário, o presente momento da Série A é bem triste: no incorruptível Coeficiente da UEFA, a liga ainda fica em quarto lugar, porém a distância com a Espanha, Inglaterra e Alemanha cresce quase continuamente, desde que o Inter de Milão, com uma vitória na final da Liga dos Campeões, pôde levar pela última vez até agora uma equipe

italiana a conquistar a taça europeia contra o Bayern de Munique. De 1986 a 1999, a Itália sempre ficava à frente nas avaliações da UEFA, com apenas uma exceção.

Os dias atuais têm trazido o racismo, o interesse cada vez menor dos espectadores e estádios visivelmente caindo aos pedaços – com exceção do Estádio do Juventus, em Turim, inaugurado em 2011, e que, graças às instalações confortáveis, é o mais frequentado.

“Éramos um restaurante de luxo, agora somos uma pizzeria”, comentou o presidente do AC Milan, Adriano Galliani, já em 2011 com relação aos estádios antigos. Um ex-treinador da seleção também mostrava um panorama sombrio. “O futebol italiano está paralisado e condenado a ficar assim”, opina Arrigo Sacchi, criador da lendária equipe do Milan ao redor dos três holandeses. Esse comentário foi feito quando ele ocupava o cargo de diretor técnico da Associação Italiana de Futebol FIGC, muito antes da Copa no Brasil, onde a Itália se despediu na fase de grupos. Depois disso, Sacchi pediu demissão do cargo.

O futebol italiano chegou ao atual fundo do poço na final entre o SSC Nápoles e o AC Florença, em maio de 2014. No Estádio Olímpico de Roma, quase lotado, ocorreram cenas apavorantes. Quase todos olhavam, antes do início do jogo, para Gennaro De Tommaso. Não é um futebolista, mas líder da torcida napolitana, que ele

comandava da cerca. O homem grande e tatuado é conhecido pelos amigos como “Genny a ‘carogna’”, ou seja, “Genny, a fera”.

De Tommaso, conhecido por ter relações com o crime organizado, estava visivelmente agitado, após um torcedor do SSC Nápoles ter sido baleado na rua quando da chegada ao estádio e ter sobrevivido, mesmo que gravemente ferido. O líder de torcida ameaçava invadir o campo se a partida não fosse cancelada. O primeiro-ministro italiano, Matteo Renzi, acompanhou o acontecido da tribuna com olhar estupefato. Os policiais estavam desorientados. O capitão do Nápoles, Marek Hamsik, finalmente correu até as grades e negociou com De Tommaso. Este assentiu que a bola rolasse e, com 45 minutos de atraso, o jogo pôde começar.

“Isso é esporte? Claro que não. Isso é uma loucura que já dura 30 anos”, escreveu Beppe Severgnini, renomado colunista e escritor, em um comentário para o *International New York Times*. As cenas apavorantes de Roma são sintomáticas da situação do “calcio”, como se chama o futebol na Itália.

Para o jornal *La Repubblica*, os agressores mostraram “que a república na Itália não é mais soberana”: “Aos poucos, ela perdeu o controle de alguns setores para as minorias organizadas, os extremistas políticos, os *hooligans* futebolísticos e o crime organizado.” O *Gazzetta dello Sport* vê da mesma forma. O jornal descreve os estádios como



“prisões a céu aberto” para “os grupos mais criminosos e violentos”. De acordo com o *Corriere dello Sport*, o Estado já capitulou. Por fim, a polícia “deixou o Estádio Olímpico em Roma ao deus-dará por 45 minutos e depois entregou-o aos *hooligans*”.

Para anular essa impressão de que a política capitulou diante da violência, o governo anunciou as primeiras medidas: planeja expulsão vitalícia dos estádios para os torcedores violentos e quer vender esse procedimento apenas lógico como intervenção dura. A expulsão dos estádios na Itália limita-se hoje a cinco anos, e reincidentes podem pegar mais cinco anos de expulsão. É questionável se o novo projeto de lei basta para trazer de volta aos estádios os *tifosi* pacíficos.

O que não se questiona é a situação ruim da Série A. As dívidas dos clubes chegam a quase três bilhões de euros. Ex-mecenas poderosos, como o gigante midiático e várias vezes primeiro-ministro Silvio Berlusconi, que ocupou a presidência do AC Milan por décadas, precisaram cortar contribuições, pois seus impérios empresariais rendem cada vez menos. O orgulhoso Milan, heptacampeão do campeonato europeu, não joga mais, após um desastroso oitavo lugar na temporada 2014/2015 na Liga Europeia, que no passado foi chamada, entre aspas, de Eurocopa dos Perdedores por Franz Beckenbauer.

Os escândalos das apostas, que desde 2011 voltaram a ser debatidos pela opinião pública, ainda aguardam esclarecimento. Mais de 200 jogos foram supostamente postergados nas primeiras três divisões desde 2010, segundo Francesco Barranca. O advogado é diretor da organização europeia anticorrupção nas apostas, o FederBet. O ministério público fala em até 30 jogos na Série A que teriam sido postergados nos últimos anos. O ministério espera encontrar informações mais consistentes em um caderno de anotações de um empresário chinês, confiscado em dezembro de 2013. Nele estão anotados dúzias de nomes de profissionais e empresários do futebol com os respectivos valores atribuídos. O chinês deve ser o chefe de um círculo de apostas internacional. As investigações e os inquéritos estão a todo vapor.

O futebol italiano precisa de um saneamento geral em regime de urgência.

Até agora, ele se limita a principalmente a uma troca de chefias. No Juventus de Turim, Andrea Agnelli agora dá as cartas como presidente. Aos 38 anos, ele é sobrinho do falecido proprietário da Fiat, Gianni Agnelli. Estudou em Oxford e na escola de elite de Milão, Bocconi. No AC Milan, Barbara Berlusconi herdou de seu pai, Silvio, a área operacional. O domínio das dinastias familiares sobre os clubes continua protegido. Ao contrário do Inter de Milão, onde Massimo Moratti, após a realização do sonho de sua vida, a Liga dos Campeões de 2010, retirou-se pouco a pouco e após desfalques bilionários. Nesse meio tempo, Erick Thohir assume a maioria das ações que estavam por décadas nas mãos da família Moretti, que enriqueceu e atua no mercado petrolífero. A empresa petrolífera não consegue mais manter o futebol como *hobby*, desde que a usina de refinaria Saras deixou de ser uma mina de ouro. O novo proprietário, um indonésio de 43 anos conhecido como “Tycoon” ou “E.T.”, é um grande torcedor de futebol e assiste aos jogos do Inter na hora de dormir em seu país, quando não consegue ficar em San Siro.

Também o AS de Roma recorreu a um investidor estrangeiro, James Pallotta, que tem grandes planos para o time. Aos 56 anos, o gerente norte-americano de fundos de *hedge*, cujo patrimônio é avaliado em mais de um bilhão de dólares, já tem 40% de participação no clube da capital, e também experiência em administração esportiva, pois é coproprietário do tradicional clube de basquete Boston Celtics. Pallotta considera o AS Roma um investimento lucrativo. No ano de 2015, o investidor estimou em 500 milhões de euros o valor do clube, que pode ser mais que dobrado, se tudo correr conforme o planejado, diz ele. E isso deve ser alcançado com um novo estádio. Por 300 milhões de euros, ele quer levantar um templo do futebol a sudoeste de Roma para 52.500 espectadores, uma mistura de estádio esportivo, centro comercial, espaço de conferências e palco para shows aberto 365 dias ao ano. Até a temporada de 2016/2017, o projeto deve estar concluído. O prefeito de Roma, Ignazio Marino, está por trás da empreitada. “O futebol italiano era o número 1. Acredito que ele possa voltar a essa posição”, diz Pallotta. O Juventus de Turim ilustra bem como a construção de um

estádio pode ser útil, pois desde então alcançou o tricampeonato e sempre joga com casa cheia. Com a chegada à final da Liga dos Campeões 2014/2015, o Juventus de Turim pôde voltar a mostrar seus pontos fortes em nível europeu: após a vitória

na semifinal contra o defensor do título Real Madrid, contudo, sofreu derrota no jogo final no Estádio Olímpico de Berlim, com um placar de 3x1 para o Barcelona. O Juventus mantém, com seis derrotas em finais, na liderança de um recorde triste.

JUVENTUS DE TURIM – O FUTURO DA VELHA SENHORA

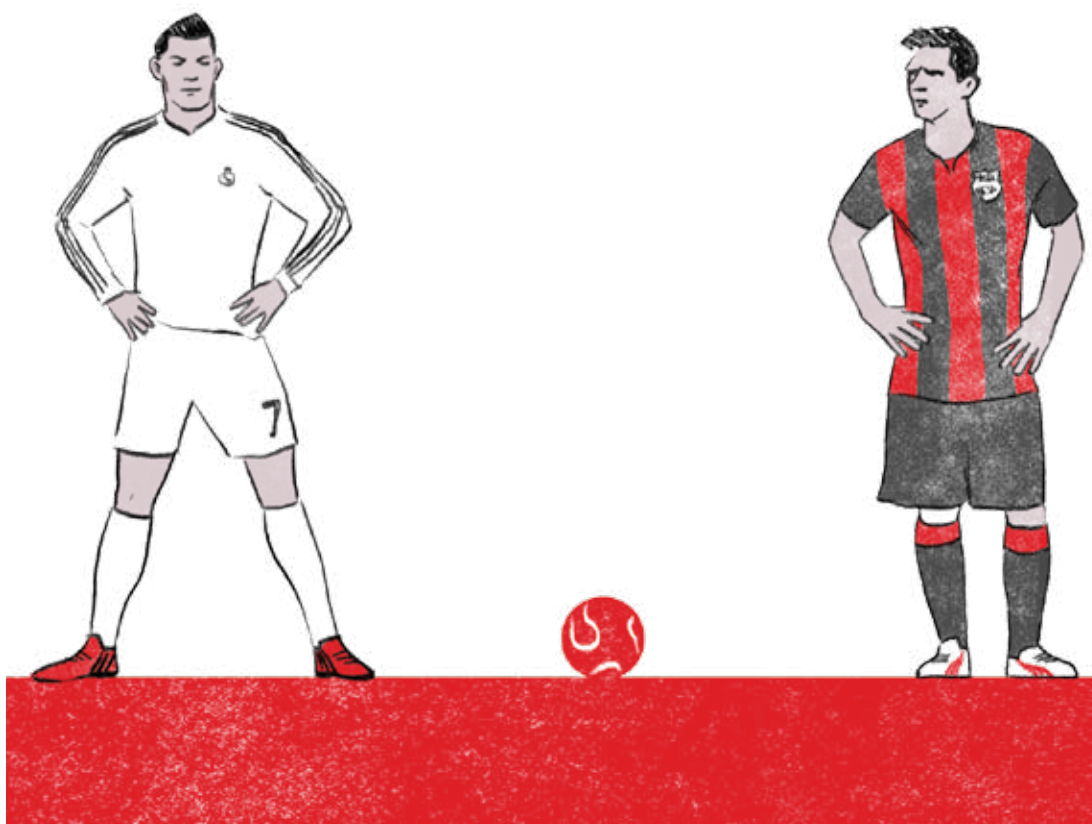
O clube que mais desafiou a crise no futebol italiano chama-se Juventus de Turim.

A Juve demonstrou como um clube pode se reinventar. Em meados de 2006, a “Vecchia Signora” foi desclassificada em dois campeonatos, nas temporadas de 2004/05 e 2005/06 e rebaixada à segunda divisão. O motivo foi a revelação do maior escândalo de fraude até então revelado na Série A, conhecido como Calciopoli. Como principal operador estava o diretor esportivo do Juventus, Luciano Moggi, condenado em 2011 a cinco anos e quatro meses de prisão por formação de quadrilha. A pena foi revista e reduzida para dois anos e quatro meses. Para o tribunal, ficou comprovado que o ex-diretor esportivo criou, entre outros, um sistema de fraude com juízes submissos para favorecer o Juventus de Turim, que teve início no ano de 2006.

Também no ano de 2011, o campeão recordista lançou a pedra fundamental

para seu retorno à frente do futebol italiano: um estádio próprio. Nesse sentido, os clubes italianos, em comparação com seus concorrentes europeus, estão muito atrás. Em geral, os estádios são propriedade das cidades, têm em média 64 anos e são muito grandes. Na Série A, ficam sempre pela metade – a média recente fica em bons 20 mil espectadores. O “Estádio Juventus”, inaugurado em 2011, comporta “apenas” 41 mil espectadores e quase sempre está lotado. Desde a abertura, o campeão recordista venceu três campeonatos na sequência, e assim aumentou sensivelmente sua lucratividade. Segundo a empresa de consultoria Deloitte, o Juventus de Turim triplicou a receita do estádio, arrecadando 38 milhões de euros. As receitas maiores vêm, entre outros, dos 3.600 assentos VIP. Além disso, foi construído no terreno do estádio um complexo de entretenimento com lojas num espaço de 34 mil metros quadrados.





ESPAÑHA

A economia da Espanha – os alunos modelo de Angela Merkel

Entre os países em crise no sul da Europa, a Espanha é considerada uma aluna modelo, do ponto de vista da Troika e da Comissão da União Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional. Sob o governo de Mariano Rajoy, conservador de direita do Partido Popular (PP), o país se ateve, desde a entrada do partido no comando do Estado, às desejadas reformas estruturais: o mercado de trabalho foi liberalizado e flexibilizado (ou seja, direitos trabalhistas foram reduzidos), o sistema previdenciário reformado (ou seja, as aposentadorias reduzidas) e os bancos superendividados foram “reabilitados” (ou seja, suas dívidas foram em parte assumidas forçosamente pelo Estado e, com isso, socializadas).

O governo espanhol e a Troika já veem uma luz no fim do túnel e usam como referência estatísticas condizentes: inclusive no trimestre de julho a setembro de 2014, a quarta economia nacional da Zona do Euro

havia crescido pelo quinto trimestre consecutivo. Em comparação anual, no terceiro trimestre, o produto interno bruto cresceu 1,6%, segundo os institutos de estatísticas. De forma geral, a Espanha fechou 2014 com 1,2% de crescimento – número superior ao prognosticado no início do exercício. Para 2015, a estimativa é de 3%.

Além disso, o governo de Rajoy impulsiona outro grande plano de reforma. Trata-se da diminuição da máquina administrativa. Conhecida como Reforma Soraya, nome dado em virtude da vice de Rajoy, Soraya Sáenz de Santamaría, visa principalmente eliminar duplas funções, que são caras em níveis nacional, regional e local, bem como a burocracia desenfreada. No total, a reforma deve poupar até o final da legislatura, em 2015, cerca de 37 bilhões de euros. Já está programada a resistência quanto ao tema, pois os príncipes de província e prefeitos de todos os partidos temem por seus benefícios e privilégios.

Não dá ainda para saber o quanto tal esclarecimento conjuntural, após anos de recessão, será apenas fogo de palha. A taxa de desemprego caiu de exorbitantes 27% para os ainda altos 21%. O desemprego entre jovens beira os 50%, e aqueles com formação acadêmica, que buscam trabalho, muitas vezes aceitam empregos com qualificação e pagamento inferiores.

Mais do que nunca, novos contratos de trabalho foram fechados com prazo determinado – em março eles eram responsáveis por mais de 90% dos empregos. E muitos que conseguiram ingressar no mercado de trabalho continuam sonhando com um emprego de tempo integral: um terço dos contratos temporários é de meio período.

Além disso, resiste o grande problema do desemprego de longo prazo, que atinge 3,5 milhões de espanhóis. Eles caem na frouxa rede do Estado social espanhol: desempregados de longo prazo recebem um seguro-desemprego de no máximo dois anos e contam, durante um período, com aproximadamente 420 euros ao mês. Programas efetivos de educação continuada, com os quais eles poderiam ser requalificados para o mercado de trabalho, não existem.

Além do desemprego, a questão da moradia é um problema social urgente, que o governo não superará. Especialistas em direito estimam que o número de despejos desde o início da crise, em 2008, está na faixa dos 400 mil. Nesse meio tempo, em março de 2013, o Tribunal de Justiça Europeu declarou ilegal o processo europeu de evicção de residências em virtude da violação do direito de proteção do usuário em contratos de hipoteca. Muitos atingidos defendem-se com a ajuda da *Plataforma por los Afectados de la Hipoteca* (PAH – Plataforma para os Afetados pela Hipoteca), fundada em 2007 e que está em atividade em mais de 50 cidades. A iniciativa busca apoiar os prejudicados em suas tratativas com os bancos, garante auxílio jurídico e organiza ocupações de residências vazias.

Claro está que o modelo de crescimento das quatro colunas, ou seja, turismo, construção, serviços e agricultura, transmitido à Espanha, não tem futuro. Especialmente o setor de construção civil – que promoveu uma edificação mergulhada em especulações e corrupção de aeroportos

nunca utilizados e com cidades-satélites até hoje vazias – fracassará como “coluna” em longo prazo. No setor de construção, desde 2009, mais de três milhões de empregos foram perdidos; a queda livre desse ramo de atividade já foi impedida há um ano, mas a estabilização ainda segue em níveis mínimos. Raro que haja mais do que reformas, pois em todo o país, segundo estimativas do setor, mais de um milhão de residências estão inacabadas ou permanecem vazias. E a política de austeridade prescrita pela Troika não permite investimentos bilionários em áreas potencialmente promissoras, como a biotecnologia e as energias renováveis. O Estado espanhol, nesse ínterim, voltou a reduzir muito a promoção de energias renováveis.

Para o desenvolvimento econômico geral, figura sempre como maior fator de risco o dilapidado setor bancário e o enorme crescimento correlato das dívidas do país. A dívida pública da Espanha quase dobrou durante a crise bancária. Antes da crise, a Espanha estava entre os poucos países da Zona do Euro que cumpriam o critério de Maastricht, em que o endividamento total deveria corresponder a no máximo 60% do produto interno bruto. Um critério que a Alemanha, também uma aluna modelo, impunemente não cumpre há anos.

Caso os custos de refinanciamento voltem a subir, não se exclui a possibilidade de que a Espanha precise apresentar um novo pedido de ajuda do ESM (Mecanismo Europeu de Estabilidade), o fundo de ajuda do Euro – preferencialmente no contexto do programa OMT (*Outright Monetary Transactions* – Transações Monetárias Diretas) apresentado pelo BCE em setembro de 2012, no qual o BCE compra títulos do país afetado (após pedido de ajuda por meio do ESM) para diminuir seus juros. A Espanha já passou do seu pior momento, mesmo que os rendimentos de títulos do governo para dez anos atualmente sejam os menores há muito tempo: cerca de 2%. Porém, isso se deve menos ao saneamento das finanças públicas espanholas e muito mais ao fato de que a política monetária complacente do BCE providenciou uma inundação de capital em busca de investimento no mercado de capitais que acaba oprimindo o nível de juros.

Futebol na Espanha – A crise velada

É considerada há anos a melhor liga futebolística do mundo: a *Primera División* espanhola. Na temporada 2013/14 e 2014/15, ela ainda conseguiu outro destaque: o FC Sevilla venceu nos dois anos a Liga Europa e, na mais prestigiosa competição de clubes de futebol, em 2014, houve embate na mesma cidade – o Real Madrid duelou com o Atlético de Madrid na final da Liga dos Campeões. Após a prorrogação, o Real saiu na frente, e o recordista em títulos levou para casa, após doze anos de perseguição obsessiva pelo décimo título – *la décima* – na competição europeia. Obviamente, não jogaram apenas campeões desde a fundação da Liga dos Campeões, em 1992/93, mas sim as melhores equipes das melhores divisões para um maior poder de comercialização, temperado com os campeões de algumas ligas mais fracas. Em 2015, o arquirrival do Madrid, o FC Barcelona, venceu por 3 a 1 o Juventus de Turim e levou o quarto título desde 2006, firmando seu papel como equipe mais bem-sucedida dos últimos dez anos. Antes de 2014, *La Liga* conseguiu apenas uma vez uma dobradinha – em 2006 com FC Sevilla (Liga Europa) e o FC Barcelona (Liga dos Campeões). No Coeficiente da UEFA, a *Primera División* espanhola figura há muitos anos como líder incontestado. Nesse *ranking*, os resultados de todas as equipes representadas nas duas competições europeias dos últimos cinco anos são analisados, e por meio deles chega-se a uma expressão representativa dos pontos fortes das ligas. Atrás da Espanha, seguem a liga mais forte em receita, a *Premier League* inglesa, seguida pela *Bundesliga* alemã, que tomou o terceiro lugar da Itália em 2011 e, desde então tem, como as três primeiras equipes na competição, mais um time classificado.

“O futebol é alheio à crise econômica e à situação real”, diz José María Gay de Liébana, professor de economia da Universidade de Barcelona considerado o maior conhecedor da vida financeira dos clubes profissionais. Ele apresenta regularmente estudos desanimadores sobre o vulto do endividamento e a má administração disseminada dos clubes. Obviamente, isso não impede que antes da temporada 2014/15 voltem a investir fortemente em novos jogadores, devido sobretudo aos *players* globais solventes e dotados de crédito, apesar das altas dívidas absolutas, como Real Madrid e FC Barcelona, e com reservas distintas, como o Atlético de Madrid.

Com ou sem crise econômica, até o início de agosto, foram gastos cerca de 415 milhões de

euros. No ano anterior, foram 382 milhões de euros, 540 milhões de euros no ano recorde de 2007. “*La Liga* finalmente esqueceu a crise de uma vez por todas”, comentou o jornal esportivo *As*. Em 2012, a *Primera División* caiu para a sexta posição, com despesas no valor de 132 milhões de euros na Europa. Neste verão, apenas a *Premier League* inglesa superou os espanhóis, com Chelsea, Manchester United, Manchester City, Arsenal, Liverpool e companhia tendo gasto 600 milhões de euros até o momento. Apesar de uma dívida de quase 300 milhões de euros (Barcelona) e mais de 400 milhões de euros (Real), os principais clubes já distribuíram dinheiro suficiente. No ano passado, o Barça investiu 162 milhões de euros; só o atacante superstar uruguaio Luis Suárez custou 81 milhões de euros – se pudermos acreditar nos dados oficiais. Sempre se deve ter cuidado, pois a transferência do brasileiro Neymar, no ano anterior, foi anunciada por 57 milhões de euros, e no fim das contas acabou custando mais de 90 milhões de euros, em virtude de cláusulas adicionais reveladas por um processo judicial.

Mais caro que Neymar foi o escocês Gareth Bale, em 2013, liberado para o Real Madrid por 100 milhões de euros pelo Tottenham Hotspur. Em 2014, o Real Madrid transferiu ao AS Mônaco a quantia astronômica de 80 milhões de euros para trazer à capital espanhola a estrela da Copa James Rodríguez. No total, o Real teve despesas com transferências de mais de 110 milhões de euros, as quais – como também o Barça – fizeram frente às altas entradas de transferências vindas da venda de jogadores, de forma que as despesas líquidas se mantiveram sob controle.

As somas enlouquecedoras que Real Madrid e FC Barcelona movem têm, de qualquer forma, método: em 2014, o Real Madrid ficou em primeiro lugar pela segunda vez consecutiva em um *ranking* da revista *Forbes* como o clube esportivo mais valioso do mundo. Segundo a *Forbes*, o valor da recordista espanhola em campeonatos é de 3,44 bilhões de dólares (cerca de 2,46 bilhões de euros), seguido diretamente pelo Barça, com 3,2 bilhões de dólares. Em terceiro lugar vem o Manchester United (2,85 bilhões de dólares), que no passado era o clube mais valioso do mundo, e apenas então o clube de beisebol New York Yankees (2,5 bilhões de dólares). A base de cálculo da revista está, entre outros, na receita, resultado operacional e endividamento do clube.

O fato de o Real Madrid e o FC Barcelona, durante a maior crise econômica da Espanha,

subirem para o topo da lista dos times mais valiosos do mundo constitui uma anedota histórica curiosa – em 2010, o Barcelona estava em 24º lugar. Esses dois *players* globais mais que compensaram os prejuízos que tiveram em casa em virtude da crise. Segundo a Digital Sports Media, o Barcelona tem 117 milhões de seguidores nas redes sociais Facebook, Twitter, Youtube, Instagram e Google, o Real 108 milhões, ficando muito à frente de todos os outros. O terceiro lugar, o Manchester United, conta com 70 milhões de seguidores.

As reformas de estádio planejadas em 540 milhões de dólares em Madrid e até 800 milhões de dólares em Barcelona (dados da *Forbes*) deixam claro que esses dois clubes avançaram em seu caminho de gigantismo – até agora intocados por crises econômicas locais ou globais.

José María Gay de Liébana também enxerga que os maiores problemas não estão no FC Barcelona ou no Real Madrid, pois esses clubes, apesar das altas dívidas, ainda dispõem de possibilidades de refinanciamento suficientes, e seus gastos com pessoal também ficam abaixo do limite de 70%, que o professor considera “sustentável”. No entanto, a *Primera División*, em geral, depende da boa vontade alheia, no mínimo da boa vontade do próprio Estado, vitimado pela crise econômica. Gay de Liébana avalia que o montante de dívidas chegue a no mínimo 3,5 bilhões de euros, sendo que desses 700 milhões de euros ao fisco, além do atraso em valores não calculados na seguridade social, pois os dados dos funcionários e jogadores afetados estão sob sigilo.

Essa quase subvenção dos clubes causa descontentamento em parte da população espanhola, que também precisou apertar os cintos, pois há centenas de milhares que perderam trabalho e casa durante a crise. Essas condições também trouxeram à baila as autoridades de concorrência em Bruxelas. A Comissão Europeia considera um processo contra o Real Madrid, o FC Barcelona e outros clubes espanhóis de ponta, por suspeita de concorrência desleal.

No entanto, o processo de concorrência não diz respeito apenas às dívidas fiscais: o Real Madrid e o Athletic Bilbao supostamente se beneficiaram de acordos imobiliários em suas cidades natais. O FC Valencia, um dos muitos clubes da liga praticamente insolventes, sobrevive

apenas porque o governo regional de Valência assumiu suas dívidas. O FC Barcelona, o Real Madrid, o Athletic Bilbao e o clube da segunda divisão Osasuna também se beneficiam – diferente dos concorrentes europeus – de vantagens fiscais que os colocam quase em um nível de organizações sem fins lucrativos.

A irrealidade que o professor atesta no futebol só existe entre os políticos. “Apenas nesses dois grupos as despesas com pessoal aumentam nos anos de crise”, considera ele. “Enquanto todo o mundo ganha menos, eles ganham cada vez mais.”

O caso do FC Valencia mostra como a relação entre esporte e política é estreita. É um milagre que o campeão de 2002 e 2004 ainda exista, considerando o endividamento de 450 milhões de euros e a desastrosa administração na última década, sobrevivência que não teria acontecido sem uma mãozinha do poder público. Juan Soler, ex-presidente do clube, lançou-se em uma aventura financeira com o projeto de estádio “Nuevo Mestalla”, que levou o FC Valencia à beira do abismo, fato que serve como símbolo da cegueira e da ânsia criminosa por *status*.

É mais que duvidoso que um estádio com capacidade para 75 mil espectadores poderá ser concluído, tendo em vista o clube, a cidade de Valência, a *Comunitat Valenciana* e a Espanha assoladas pela crise. No entanto, já foram investidos 150 milhões de euros na construção – a metade dos custos orçados anteriormente.

Rita Barberá, prefeita de Valência há 21 anos, sempre apoiou a incorporação duvidosa do ponto de vista urbanístico da cidade. Em Valência, um grande projeto substitui o outro, seja porto de iatismo, pista de Fórmula 1 ou reconstrução de estádio. Projetos são realizados com frequência à revelia da objeção significativa da população, que teve de assistir, impotente, à venda de sua qualidade de vida, à destruição do centro histórico e ao desperdício de recursos públicos.

Outro nome importante dessa época é Francisco Camps, do Partido Popular, ex-governador da *Comunitat Valenciana*, afastado do cargo em 2011 sob forte suspeita de corrupção. Se pensarmos em um especulador imobiliário como Soler, conseguiremos enxergar todo o roteiro do que aconteceu com o FC Valencia: em 2009, deu-se a primeira interrupção nas obras, em 2012 a segunda,

e nesse meio tempo o presidente do clube entregou o cargo, e no último verão o principal banco credor foi nacionalizado.

A entrada do investidor biliarário Peter Lim, de Cingapura, em maio de 2014, chegou em um momento mais que propício para o FC Valencia. A empresa de Lim, Mériton Holdings Limited, comprou 70% das ações do clube por 100 milhões de euros e assumiu o compromisso de investir no mínimo 300 milhões de euros no clube da cidade espanhola.

Por ora, o Valencia se esquivou de sua má administração e de sua mania de grandeza sem grandes prejuízos – desde que o investidor cumpra sua promessa e não se encha logo do brinquedinho, como fez aconteceu no caso do FC Málaga. Lá, o xeique do Catar, Abdullah bin Nasser al Thani, secou a fonte de dinheiro no início do segundo semestre de 2012 e deixou o clube andaluz em maus lençóis, mesmo que o FC Málaga tivesse conseguido se manter na primeira divisão.

SD EIBAR – O MILAGRE BASCO

Onde há fumaça, há fogo. O pequeno clube basco SD Eibar mostra que contas parcimoniosas podem combinar com sucesso esportivo também em tempos de crise econômica. Porém, ele seria um paradoxo da história: o único clube da primeira divisão espanhola que não está endividado encontra-se ameaçado de queda compulsória para a terceira divisão por falta de capital. De forma sensacional, o SD Eibar, da cidadezinha basca de mesmo nome com 27 mil habitantes, que jogava desde a sua fundação na terceira divisão, subiu para a primeira divisão em 2014 e ficou diante de um problema: até 6 de agosto daquele ano, o clube precisava comprovar um capital mínimo de 2,1 milhões de euros – na segunda divisão 400 mil euros bastam. Os bascos iniciaram a campanha “Salve o Eibar” e foram bem-sucedidos: 8 mil pessoas doaram entre 50 e 100 mil euros. Da China, 200 compradores apareceram interessados nas ações. Houve ofertas de compra vindas da Alemanha, da Colômbia, dos EUA e de outros 45 países. Em três meses, o clube reuniu o dinheiro necessário. O comprador mais proeminente foi Xabi Alonso, campeão europeu e mundial, que deu seus primeiros passos no futebol profissional no Eibar e chegou ao FC Bayern.

O Sociedad Deportiva Eibar foi fundado em 1940. Em 1944, receberam

emprestados seus uniformes do FC Barcelona por falta de tecidos. Em 2014, o Eibar ganhou de presente o confete para a comemoração do campeonato, que ficaria sem uso pelo clube catalão após a perda do título. Até hoje o Eibar enverga o *azul-grana*, o vermelho e azul, as mesmas cores do Barça. Em 1947, seu estádio foi inaugurado – comporta apenas 5.250 espectadores. Em novembro de 2014, o governo local aprovou uma ampliação da arquibancada norte. O campeonato da segunda divisão foi o primeiríssimo título do clube. Mas foram nas finanças que se pôde perceber de forma clara o quanto foi grande o salto para o pequeno clube: o orçamento anual do Eibar sextuplicou este ano graças às receitas claramente mais altas de TV, na faixa de 18 milhões de euros – menos do que custa para o Real e o Barça os salários de Messi e Cristiano Ronaldo.

Após uma primeira metade de temporada forte, o Eibar caiu para a segunda divisão com uma segunda metade fraca, depois de apenas sete pontos, ficando em antepenúltimo na tabela. No entanto, o modelo financeiro sólido valeu a pena: após a queda do FC Elche por dívidas fiscais no valor de aproximadamente 8 milhões de euros, o Eibar jogará na primeira divisão em 2015/16, pois para ele as dívidas fiscais não existem.

PERSPECTIVAS

Quando os campeonatos de futebol europeu entraram na fase de “mata-mata” das oitavas de final a partir de fevereiro de 2015, a Grécia ainda era representada por uma equipe: o campeão Olympiakos de Pireu continuava jogando como terceiro de seu grupo de primeiro turno na Liga dos Campeões, como prêmio de consolação na Liga Europa, o segundo campeonato mais importante. No entanto, o sonho acabou com a equipe ucraniana de Dnipro Dnipropetrowsk. A estagnação do futebol italiano se atualizou: apenas o Juventus de Turim continuou na Liga dos Campeões e ficou lá nas quartas de final contra o AS Mônaco, o AS Roma desceu para a Liga Europa, no qual também o SSC Nápoles, o AC Florença e o AC Turim conseguiram passar pela fase de grupos. Chegaram às quartas de final o Florença e o Nápoles. A tendência dos últimos anos, que no melhor dos casos terá o Juventus de Turim jogando com os grandes como coadjuvante, foi interrompida. Apenas o futebol dos clubes espanhóis parece enfrentar com bravura a crise econômica: ao menos

para os dois grandes, os *players* globais Real Madrid e o FC Barcelona, isso ainda vale, mas o Atlético de Madrid também está no caminho de se estabilizar como grande fixo entre os principais 16 times europeus. E a segunda linha também é concorrida: o Athletic Bilbao, o FC Villarreal e o campeão FC Sevilla marcam forte presença na Liga Europa. Para a “Vecchia Signora” bastou a chegada surpreendente à final da Liga dos Campeões, depois de o detentor da taça, Real Madrid, ter sido eliminado na semifinal. Somente na final, no Estádio Olímpico de Berlim, a marcha vencedora da Juventus Turim foi interrompida: contra o arquirrival do Real Madrid, o FC Barcelona, o líder do campeonato italiano levou a pior por 3 x 1. Sem Andrea Pirlo, vindo do New York City FC, Arturo Vidal (Bayern de Munique) e Carlos Tévez (Boca Juniors), certamente fica difícil na atual temporada repetir o resultado do ano anterior ou mesmo ultrapassá-lo.

Todos os três representantes da Liga dos Campeões chegaram às quartas de final. Apenas a *Bundesliga* alemã tem uma representação tão forte.



Na sequência, aconteceram três duelos teuto-espanhóis nas oitavas de final: Schalke 04 contra o Real Madrid e o Bayer Leverkusen contra o Atlético de Madrid na Liga dos Campeões, bem como o Borussia Mönchengladbach contra o FC Sevilla na Liga Europa. Resultado: 3 x 0 para *La Liga* – um indício sobre os mais fortes da Liga Europa no momento. Um sinal que foi sacramentado duplamente nas competições europeias: o FC Barcelona venceu pela quinta vez a Copa dos Campeões da Europa, transformada em Liga dos Campeões, e o FC Sevilla foi bem-sucedido, como em 2014, na Liga Europeia, que deu lugar à Copa da UEFA.

O ano de 2015 também foi de decisões de direcionamento político. Na Itália, haverá eleições regulares apenas em 2017, mas o progresso do plano de reforma do primeiro-ministro Matteo Renzi, que chegou sem um mandato de eleições do parlamento à frente do governo, será votado em 2015 nas ruas. Os sindicatos anunciaram oposição intensa contra a liberalização do mercado de trabalho e a degradação dos direitos de proteção contra demissão ilícita. Se Renzi não conseguir realizar o principal item de sua agenda de reformas, estará com um grande problema político nas mãos e diante de um futuro incerto.

Na Espanha, em maio deste ano aconteceram eleições regionais em várias comunidades e cidades autônomas, que tiveram significado muito além do costumeiro. Em muitas cidades, entre elas em Madri e Barcelona, as alianças amplamente arraigadas no âmbito da sociedade civil alcançaram seu objetivo ambicioso de assumir o poder nas prefeituras. Em Madri, governa agora Manuela Carmena, a juíza aposentada de 71 anos que na juventude fora ativa na resistência comunista contra o ditador Franco, e em Barcelona o governo está nas mãos de Ada Colau, 41 anos, que por anos se dedicou como ativista às pessoas necessitadas e afetadas por despejos. Além da *Ganemos Madrid* (Ganemos Madri) e *Guanyem Barcelona* (Ganemos Barcelona), em mais de 100

comunidades entraram as alianças locais, que se alimentam do círculo e do entorno do movimento dos indignados e acabaram conquistando várias prefeituras e conselhos municipais.

A precondition para essa vitória eleitoral foi a mobilização da sociedade a partir de 15 de maio de 2011, na sequência do movimento de indignados surgido na época, o M-15. A preocupação com os partidos estabelecidos, o PP e o PSOE, é tão disseminada que o partido Podemos, recém-criado em torno do M-15, ficou em primeiro lugar nas pesquisas no início do ano de 2015. Nesse período, caiu 11% e recebeu uma concorrência forte dos neoliberais recém-chegados de direita *Ciudadanos* (Cidadãos), como o partido dos não estabelecidos. O *Ciudadanos* acabou ficando com 15%, o PP lucrou com a tendência de crescimento econômico e avançou novamente na direção dos 30%, e o PSOE ficou estagnado nos 22%. De qualquer forma, não se mostra uma formação de governo clara, mas até as eleições, em 20 de dezembro, qualquer movimentação, em qualquer direção, é possível.

O Podemos não entrou nas eleições comunitárias, mas se concentra nas eleições parlamentares de dezembro e tem como principal ponto uma segunda *transición* em sua plataforma: com uma assembleia constituinte, a Espanha será quase fundada novamente e se tornará federal e democrática. Essa abordagem poderia dar fôlego aos movimentos separatistas, pois o Podemos considera legítimo o direito a autorregulamentação e quer ancorá-lo em uma nova Constituição. No entanto, exatamente por isso, aqueles que antes fizeram furor sobre a rígida posição de “basta” de Madri para com os apoiadores da separação da Catalunha e do País Basco poderiam se reconciliar com Espanha de modo a garantir a preservação da unidade territorial.

Na Grécia, já houve duas votações e por duas vezes Syriza foi substituído por Alexis Tsipras, embora o Governo Tsipras I tenha precisado

fazer muitos cortes em seu programa eleitoral radical e, principalmente, não pôde encerrar o programa de austeridade imposto pela Troika, mas apenas atenuá-lo com alterações cosméticas. O Governo Tsipras II, empossado a partir do final de setembro, mantém o rumo do Governo Tsipras I do ponto de vista da força normativa na relação de forças efetiva e tenta moldar a política de ajuste estrutural rígida da Troika de forma tão leniente quanto aplicável no âmbito pragmático. O maior sucesso de Tsipras até agora: o compromisso dos credores de que se negociaria seriamente com relação à solvência, se o governo de Atenas fizesse sua “lição de casa”. Esse compromisso consta do acordo de 13 de julho e desde então foi fortalecido muitas vezes.

Desde a entrada de Tsipras no poder, a chanceler alemã Angela Merkel e o ministro das finanças alemão Wolfgang Schäuble manejam uma espada de Dâmocles diante da grande mídia: a *Grexit*, a retirada da Grécia da Zona do Euro, para a qual não há nenhum regulamento estatutário, e que Tsipras nem 75% da população grega desejam.

Assim, o governo alemão tenta amear influências contra o Syriza, pois ninguém tem interesse em uma *Grexit*. Guy Verhofstadt, o presidente da facção liberal do Parlamento Europeu, extrapolou os custos: Irlanda e Portugal precisariam levantar de três a seis bilhões de euros, embora eles mesmo ainda lutem com a crise da dívida pública. A participação da Espanha nas dívidas da Grécia chegaria a 29 bilhões de euros e seria um verdadeiro golpe nos esforços de saneamento das contas para o governo de Madri.

E a lista dos horrores prossegue: 44 bilhões para a Itália, 49 para a França e entre 66 e 80 bilhões que a Alemanha poderia levantar. Uma *Grexit* seria um catalisador para inflamar novamente a dívida do endividamento público que estruturalmente ainda não foi nem será superada tão cedo. Nada mostra esse fato de forma mais clara que o programa de compra anunciado pelo presidente do BCE, Mario Draghi: até setembro de 2016, o BCE comprará 60 bilhões de euros em títulos públicos dos bancos comerciais, na esperança de que esses convertam os recursos injetados em créditos produtivos e estimule a economia real. O medo de uma espiral de queda causada pela deflação deve ser muito grande para ele ter tomado uma medida tão heterodoxa e arriscada.

De qualquer forma, o futebol continua – com ou sem crise – apenas uma questão secundária. No entanto, sem a recuperação das economias populares, será complicado para todas as três ligas manterem o nível – apenas os *players* globais continuarão seguindo na dianteira isolada, ao menos no âmbito financeiro.

* Martin Ling formou-se em Economia com especialização em América Latina e teoria do desenvolvimento em Berlim. Desde 2000 trabalha no jornal *neues deutschland*, como editor internacional com enfoque especial na África, na América Latina e na política Norte-Sul.

Tradução: Petê Rissatti

Revisão: Lilian Aquino

Ilustração: Caco Bressane

PONTO DE DEBATE

Fundação Rosa Luxemburgo

Número 3, novembro de 2015

ISSN 2447-3553

Ponto de debate é uma publicação editada pela Fundação Rosa Luxemburgo com o apoio de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica da Alemanha (BMZ). Abre espaço para o debate de temas sob a diretriz Bem Viver no Brasil e no Cone Sul: Direitos humanos e da natureza na perspectiva de transformação, justiça social e justiça ambiental.

Todos os artigos são de responsabilidade exclusiva das pessoas que os assinam, não refletindo, necessariamente, a opinião da FRL.

Esta obra possui a licença Creative Commons 3.0 BY-NC-ND (Atribuição – Uso não comercial – Não a obras derivadas)



Diretor: Gerhard Dilger
Coordenação editorial: Ana Rüsch e Daniel Santini
Projeto Gráfico: Fabiano Battaglia
Tiragem: 100 exemplares

Rua Ferreira de Araújo, 36
 CEP 05428-000 São Paulo (SP) Brasil
 rosalexspba.org

